

---

## Arco-Íris Na Cruz: A Multimodalidade No Midiativismo Em Vídeos No Youtube<sup>12</sup>

Marco Túlio Pena CÂMARA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

### RESUMO

O presente artigo trabalha a linguagem multimodal de vídeos como um exemplo de produção de conteúdo no ciberespaço e sua relação com o midiativismo, a partir da análise de dois vídeos do canal Muro Pequeno. O objetivo é verificar como os elementos multimodais contribuem para a construção de sentido e significado em vídeos, resultando e se caracterizando como prática midiativista. Para tanto, apresentamos o conceito e aplicação do midiativismo (MATTONI, 2013; DI FELICE, 2017); os aspectos multimodais que compõem os vídeos, como som, voz, gestos, posturas, olhares, dentre outros modos (IEDEMA, 2000; NORRIS, 2004) de linguagem utilizada pelos midiativistas. A análise indica que os discursos multimodais são carregados de significados e que eles auxiliam na produção de sentido midiativista.

**PALAVRAS-CHAVE:** multimodalidade; midiativismo; YouTube.

### INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar dois vídeos do canal *Muro Pequeno*, participante do projeto *Creators for Change*:<sup>4</sup> “De um filho gay cristão, para pais cristãos de filhos gays”<sup>5</sup> e “O que a bíblia não diz sobre homossexualidade”<sup>6</sup>. Pretendemos discutir como os elementos multimodais contribuem para a construção de sentido e significado em produtos audiovisuais, como vídeos do *YouTube*, considerando-os enquanto exemplos atuais de manifestações e práticas de linguagem no ciberespaço, resultando e se caracterizando, em nosso caso específico, como prática midiativista.

Entendendo que a linguagem é apenas um dos modos de comunicação e que ela nem sempre é o principal deles (NORRIS, 2006), torna-se fundamental nos atentarmos para os outros modos que constituem a comunicação. Nesse sentido, encontram-se distintos modos, principalmente quando se analisa vídeos, objeto deste artigo: as posturas das pessoas retratadas, os gestos reproduzidos, as cores utilizadas, o cenário em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Trabalho submetido, também, para integrar o E-book Fluxos comunicacionais em redes sociotécnicas: repercussões das micro-narrativas ao big data

<sup>3</sup> Doutorando em Linguística Aplicada na Unicamp. E-mail: [marcotuliocamara@gmail.com](mailto:marcotuliocamara@gmail.com)

<sup>4</sup> O projeto é o objeto de pesquisa da pesquisa de doutorado em desenvolvimento. O canal foi selecionado pelo projeto com o Afros e Afins. Abordaremos mais sobre o canal e o projeto no decorrer deste texto.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=87\\_5Wbj5gG4](https://www.youtube.com/watch?v=87_5Wbj5gG4)

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OYy2Vn15xVI>

que o vídeo foi gravado são alguns desses modos que são fundamentais para a construção do sentido da mensagem, além do texto e da linguagem oral.

Nesse sentido, questionamo-nos: como essas características multimodais auxiliam na construção do sentido midiativista ao qual se propõe? Nossa hipótese para é que este sentido é construído a partir de atributos multimodais e seu poder de persuasão que incentivam a discussão, reflexão e possível futura mudança social, enquanto prática norteadora e incentivada pelo midiativismo enquanto objeto empírico e teórico.

### **A PRODUÇÃO NO CIBERESPAÇO E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ATIVISMO**

É no contexto de hibridismo das instâncias de comunicação refletindo nas práticas de conteúdos midiáticos (LÉVY, 1998) que o *YouTube* figura como mídia agregadora de conteúdos (BURGESS; GREEN, 2009) e produto participativo da cultura de convergência sobre a qual estamos inseridos (JENKINS, 2009). O site iniciou suas atividades em 2005, ainda como repositório de vídeos já em circulação e de outras mídias e produtos, tornando-se, anos depois, um espaço para representação do próprio internauta. O *YouTube* passa, então, a se definir como uma plataforma destinada à expressão pessoal, algo que podemos perceber pela forma como tal mídia se autodefine: seu slogan é “*Broadcast yourself* “ (“Transmita-se”, em uma tradução livre). Tal característica é importante para nosso estudo, na medida em que “coloca o *YouTube* no contexto das noções de uma revolução liderada por usuários que caracteriza a retórica em torno da Web 2.0” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 21).

No entanto, é importante destacar que não acreditamos na idealização da Internet enquanto espaço amplamente democrático em sua forma mais ingênua, como acreditava Levy (1998) no início de suas pesquisas. Ressaltamos que sabemos que ela privilegia certos grupos e acaba sendo um espaço de manutenção hegemônica (MACHIN; VAN LEEUWEN, 2016), além de criar novos blocos hegemônicos exclusivos da cibercultura (Google e Facebook, por exemplo) que detém o poder e controla as ações e usos na Internet. Ainda assim, concordamos com Levy no sentido de possibilidade de acesso e produção de conteúdo para sujeitos que antes não estavam inseridos em ambientes midiáticos e é nessa seara que caminha nosso referencial e análise.

Dessa forma, nesse espaço considerado democrático de criação e circulação de conteúdos, é importante ressaltar a abordagem de ecologia dos meios, trabalhada por Scolari (2015). O autor postula que a teoria abarca a linguagem, desde seu surgimento

---

até a vida digital, englobando, então, os diversos aspectos da comunicação. Tal característica é importante para nosso trabalho na medida em que considera a Internet como parte do processo comunicativo, as formas de veiculação de discursos e representações por meio da informação e as diversas linguagens que o ciberespaço permite. Nesse sentido, a metáfora sugerida por Scolari (2015) engloba dois sentidos em relação aos meios: i) enquanto ambientes, tendo a mídia como tecnologia que gera situações e contextualizações dos sujeitos inscritos nela; ii) enquanto espécies, que, tais como em estudos biológicos, precisam de se adaptarem para garantir suas sobrevivências.

Destacamos essa definição como ponto chave da classificação do *YouTube* como mídia e a relação das mídias com o ativismo, proposta deste artigo. A primeira interpretação nos permite analisar o vídeo em relação à subjetividade daquele que o produz e o impacto que tal produto pode gerar na instância receptora. Isso ocorre porque os vídeos do canal partem de uma seara pessoal (ainda que cravejado de produtos e relações comerciais), mas se enquadram em um ambiente público que visa uma transformação social mais abrangente na sociedade na qual estão inseridos e circulam. Já em relação à adaptação das mídias na atualidade, acrescentamos a ideia de convergência midiática (JENKINS, 2009) nesse processo. Dessa forma, altera-se o fluxo de conteúdo pelas plataformas presentes e propostas pela convergência de mídias, que passa a contar com a participação ativa dos sujeitos envolvidos na cadeia produtiva.

Esse aspecto corrobora a noção da coletividade presente nas redes sociais digitais, reforçada pela cultura da convergência. As produções possuem potencial de propagabilidade, que “se refere aos recursos técnicos que tornam mais fácil a circulação de algum tipo de conteúdo em comparação com outros” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 26), o que presume a participação e colaboração de todos os envolvidos no produto em questão.

É nesse sentido que podemos relacionar a convergência midiática com o surgimento e crescimento do *YouTube* observando, também, a prática midiativista atual. Jenkins (2009) reconhece o poder que a Internet deu a “pessoas comuns” que, antes, na mídia tradicional, não encontrava espaço para que sua voz fosse ouvida ou conseguisse produzir o próprio conteúdo. Assim, o cidadão pôde, enfim, “expressar suas ideias, fazê-las circular diante de um público maior e compartilhar informações na esperança de transformar nossa sociedade” (JENKINS, 2009, p. 355).

---

Nesse contexto colaborativo e livre, o *YouTube* estimula essas novas maneiras de expressão e promove maior visibilidade a essas mensagens e alcance mundial. Essa característica favoreceu, além da criação de novos meios de comunicação, o fortalecimento do midiativismo, já que ampliou e difundiu o debate que se pretende estabelecer.

Para a construção do conceito de midiativismo, tomamos como base os estudos da pesquisadora italiana Alice Mattoni (2013). Ela faz a distinção entre o ativismo na mídia, o ativismo sobre a mídia e o ativismo pela mídia. Segundo ela, o ativismo na mídia ocorre quando as tecnologias de informação são usadas como espaço de produção de conteúdos que objetivam a mudança almejada, além de ser uma forma de divulgação de vozes antes silenciadas, conceito que mais se aproxima ao que observamos no nosso objeto de pesquisa. Já o ativismo sobre a mídia abarca os movimentos sociais como espaço de conexão entre eles e a ação política propriamente dita, com a possibilidade de resultar (e provocar) ações ativistas fora das mídias. Por fim, o ativismo pela mídia é considerado como um processo de mobilização, resultando no uso que os ativistas fazem das mídias, tendo em vista seus objetivos e modos de “servir” aos movimentos aos quais estão inseridos, como em uma cobertura de protestos, por exemplo.

Tendo em vista o comportamento do sujeito midiativista, como ele constrói o produto midiativista e os sentidos narrativos-discursivos do midiativismo, é fundamental que nos atentemos, no nosso caso, ao vídeo enquanto produto midiático-discursivo, considerando sua multimodalidade e os sentidos que emergem a partir dessa análise. Para tanto, o *YouTube* figura como aparato midiático e meio de divulgação de ideias e ideais, além de uma possível prática para o midiativismo, considerando sua consequência, não apenas o modo de fazer.

Acreditamos, portanto, que o conceito em construção não é único, fechado, mas sim adaptado e referente ao produto que se busca analisar e tomar como base. Concordamos com Bentes (2015) que o midiativismo se valida, também, pela experimentação de linguagens, narrativas e modos de expressão.

Para se constituir como midiativismo, o produto deve ter um propósito, um objetivo ao qual ele foi criado. A mudança social pretendida, mesmo que não esteja óbvia no processo de produção dos conteúdos enquanto objetivo principal e único, deve perpassar os discursos que a compõem, além de ser observável na troca com os receptores, na construção de sentido dialógica. Ou seja, ainda que seja utópica a

---

mudança de toda a sociedade, a produção que objetiva atingir outros sujeitos e/ou promover reflexões e discussões que, somadas e a longo prazo, podem visar à mudança social, pode ser considerada um exemplo de midiativismo.

É nesse contexto de novas mídias e reconfiguração, também do ativismo que se amparam nossas análises, considerando o *YouTube* enquanto aparato midiático e meio de divulgação de ideias e ideais, além de uma possível prática para o midiativismo, considerando sua consequência, não apenas o modo de fazer. Dessa forma, partimos do pressuposto de que o midiativismo visa à mudança social, a partir de problematizações que se dão e são incentivadas nos vídeos do *YouTube*, como abordaremos a seguir.

### **MULTIMODALIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

Para realizar uma análise do discurso multimodal, devemos levar em consideração o contexto em que ele está inserido e suas interações, enquanto um componente de uma ação social, construindo significados (NORRIS, 2002). Os vídeos são veiculados no ciberespaço enquanto produtos discursivos complexos (NORRIS, 2006), ou seja, com diversos elementos multimodais que permitem diferentes sentidos construídos e escolhas de ações múltiplas. Norris (2002) acredita que para realizar a análise desse material, pode-se utilizar a transcrição multimodal, considerando o signo, o significado e o significante, em uma aproximação semiótica. Tal concepção nos é cara enquanto metodologia de análise na caracterização dos aspectos multimodais e seus sentidos produzidos.

É nesse sentido semiótico do discurso multimodal que Machin e Van Leeuwen (2016) orientam seus estudos e análises. Para eles, a análise semiótica social do discurso político multimodal é composto por três etapas “em *looping*”: a primeira se refere ao significante, a partir da evidência fornecida pelo objeto de análise, por exemplo, a partir das palavras utilizadas, as escolhas lexicais feitas para caracterizar determinados movimentos e grupos sociais, como observamos nos vídeos em análise neste artigo; a segunda foca no significado, abrindo a possibilidade de diversas interpretações, não necessariamente inteiramente subjetivas, já que dependem do potencial de significado e o contexto ao qual se inserem, ou seja, deve-se levar em consideração as condições de produção e veiculação daquele discurso, daquele vídeo (em nosso caso específico), para que seu conteúdo não seja usado de forma distorcida. Essa característica é especialmente importante para nossa análise, uma vez que ela também é alvo de estudo

---

e observação no segundo vídeo de nosso corpus, em que é feita uma análise contextual de trechos bíblicos.

Já a terceira etapa da análise proposta por Machin e Van Leeuwen (2016) se refere ao significado “mais amplo” dos textos e dos recursos semióticos presentes nele, ou seja, um processo de significação ampliada com teorias sociais abstratas. Tal abordagem engloba as etapas anteriores e se relaciona diretamente com elas, pois prevê a multidisciplinaridade nos estudos e análises semióticas que podem ser feitas com base nessa metodologia, levando em consideração os aspectos multimodais presentes no objeto e suas relações e possíveis análises, como as cores, os posicionamentos de elementos no vídeo e a postura do falante, por exemplo.

É nesse sentido de análise multimodal semiótica que Iedema (2001) propõe critérios a serem analisados em produções audiovisuais como filmes e produtos televisivos. Inserido na perspectiva semiótica social, Iedema (2001) leva em consideração, também, o contexto político e a crítica social que o documentário faz, não se reduzindo a uma simples produção audiovisual “isenta”, mas provocando e promovendo a construção de significados a partir dos elementos sociossemióticos presentes no filme.

É, também, nessa seara que Norris (2004) trabalha. A autora estabelece alguns critérios de análise a partir da classificação dos múltiplos modos presentes em vídeos. Ela acredita que as ações que compõem produtos audiovisuais são fluidas e complexas, ou seja, ocorrem em conjunto que agrupam pequenas ações simples (enquanto elemento físico e unidade de análise), materializando-se em o que ela chama de “ação congelada”, enquanto mídia. No entanto, é importante destacar que suas análises são orientadas para as interações internas do vídeo, ou seja, o material não prevê a interação com o espectador \_algo como a conhecida “4ª parede” da dramaturgia. Tal característica não se aplica ao nosso corpus, uma vez que os vídeos do *YouTube*, em geral e especificamente os que propomos analisar, preveem a interação e a presença do espectador, ainda que virtualmente, haja vista seu discurso direto com o interlocutor e a edição proposta de um vídeo contínuo, simbolizando um diálogo informal do produtor com o receptor.

Norris, então, propõe dez modos comunicativos, enquanto classificação e critérios de análise para vídeos, considerando seus aspectos multimodais, como apresentamos a seguir:

- 
- a) Linguagem falada: geralmente é estruturada, alternada, mas também pode haver sobreposição de falas em um diálogo. No nosso caso, como o vídeo só apresenta um narrador/personagem, essa sobreposição não ocorre, mas há variação no tom de voz e nas ênfases em determinadas palavras e temas aos quais o produtor quer chamar atenção ou destacar;
  - b) Proxêmica: é a distância entre pessoas dentro do vídeo ou entre objetos relevantes que compõem a narrativa. Como nos vídeos em que analisamos só há a presença de uma pessoa, podemos considerar como proxêmica a distância entre ele e a câmera, já que ela pressupõe o diálogo e a presença de outra pessoa, o interlocutor/espectador, como característica apontada acima;
  - c) Postura: o modo como os participantes do vídeo posicionam seus corpos em uma dada interação, podendo ser classificada como uma postura “aberta” ou “fechada” para o diálogo e o posicionamento do outro. Nos vídeos aqui trabalhados, a postura é sempre de frente para a câmera, simulando o diálogo direto com o interlocutor, mas há variações que são significativas para a construção de sentido dos vídeos, como aprofundaremos a seguir;
  - d) Gestos: podem ser icônicos, metafóricos ou dêiticos, estabelecendo relações do mundo externo com o discurso, representando outros símbolos. Aqui, podemos perceber a interação entre os gestos e o discurso falado, enquanto característica de fala do produtor;
  - e) Movimento de cabeça: quando a pessoa faz movimentos que indicam posicionamentos e outros significados (como “sim” e “não”, por exemplo). No nosso corpus, os movimentos são mais sutis mas, ao mesmo tempo, com outros tipos de significados e movimentos, alternando entre submissão e imposição, como abordaremos a seguir;
  - f) Olhar<sup>7</sup>: refere-se à organização, direção e intensidade do olhar, manifestando a interação entre os participantes da conversa, relação de subordinação, engajamento e envolvimento entre eles, sendo diretamente proporcional ao nível de interação que se observa. Neste trabalho, o olhar

---

<sup>7</sup> Tradução livre para “Gaze”. Embora entendamos que o termo em inglês seja mais específico, acreditamos que “olhar” seja o mais adequado para nossa realidade e língua portuguesa.



- 
- é referente à câmera, que representa a presença do interlocutor, que é o espectador do vídeo;
- g) Música: trilha sonora do vídeo, seja instrumental ou com voz. No caso dos vídeos aqui estudados, esse modo é quase padrão do canal e não está presente no discurso, somente na vinheta do canal;
  - h) Impressão: ferramentas de uso individual (objetos como caneta e papel) e os objetos impressos (jornais e revistas) e sua interação com as pessoas do vídeo. Em ambos os vídeos analisados neste artigo, o produtor lê a bíblia, objeto de destaque do vídeo para o tema, como abordaremos a seguir;
  - i) Layout: interação com o ambiente, composição de fotografia aplicado ao espaço em que o vídeo foi gravado, como o quarto de Murilo, ambiente dos vídeos analisados;
  - j) Interconexão de modos: prevê que os modos são interdependentes uns dos outros e sua hierarquia varia de acordo com as situações específicas e análises empregadas.

Essas dessas dez características apresentadas por Norris (2004) são as principais norteadoras de nossas análises feitas a seguir. No entanto, entendendo tal produção como única e específica para o efeito de sentido proposto, elaboramos, aqui, característica e análises que o objeto (no caso, os vídeos) nos dá, não nos limitando aos elementos elencados acima. Mais do que analisar a composição das imagens estáticas a partir do “congelamento” das imagens em movimento com suas formas de leitura a partir da colocação dos elementos que a compõem, seus arranjos que visam atrair a atenção a partir de seus posicionamentos e enquadramento que culminam na produção de sentido dela, nosso interesse principal é analisar o vídeo em si, considerando os movimentos das imagens e elementos que o compõem. Destacamos que tais análises, critérios e definições são subjetivas e pessoais, servindo de norte para nossa análise, mas que, aqui, levaremos em consideração as particularidades da produção audiovisual de youtube, especificamente de caráter midiativista.

## **DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS VÍDEOS**

Como apresentamos anteriormente, o objetivo deste artigo é propor uma análise de vídeo do YouTube considerando seus elementos multimodais na construção do



sentido midiativista (especificamente de nosso objeto) ao qual ele se propõe e tem como finalidade. Para tanto, utilizaremos os critérios supracitados e adaptaremos ao nosso objeto, particularizando nossa análise.

O canal Muro Pequeno foi escolhido, como já apontado anteriormente, por ser integrante do projeto Creators for Change, que reconhece e incentiva produtores de conteúdo de relevância social em todo o mundo. Para este trabalho, no entanto, não escolhemos os vídeos feitos para o projeto em si, mas aqueles mais representativos para a temática específica do canal e que foram, certa maneira, responsáveis pela grande divulgação dele. Os vídeos analisados são “De um filho gay cristão, para pais cristãos de filhos gays” (vídeo 1) e “O que a bíblia não diz sobre homossexualidade” (vídeo 2), de Murilo Araújo, criador do canal Muro Pequeno (figura 1).



Figura 1 "Capas" dos vídeos analisados  
Fonte: Reprodução

Esses vídeos foram escolhidos devido à sua temática. Desde o início do canal, Murilo se classifica e denomina enquanto “negro, nordestino, gay, católico”, além de citar parte de sua pesquisa acadêmica que envolve sexualidade e religiosidade.<sup>8</sup> Esses vídeos, portanto, foram os primeiros a tratar sobre esse assunto no formato de *youtuber* tradicional, com apenas o produtor do canal falando diretamente para a câmera (CORUJA, 2017).

O primeiro vídeo (v01) começa em silêncio com o Murilo olhando para baixo. Logo depois ele levanta, vai à estante de livros, pega a bíblia e a abre e lê uma passagem, seguida da vinheta de abertura do canal. Esse início tem um minuto ao todo, sendo vinte segundos de absoluto silêncio, fato esse que nos permite classificá-lo, também, como um modo significativo para a análise do vídeo. A leitura bíblica tem

<sup>8</sup> Murilo é jornalista, mestre em Estudos Linguísticos e está terminando doutorado em Linguística Aplicada.

---

entonação similar a rituais religiosos e é feita olhando para baixo, lendo a bíblia, alternando com olhares direcionados para a câmera.

Na abertura do vídeo após a vinheta, Murilo adianta o assunto principal que vai abordar: a partir da notícia do suicídio de um jovem paulista, que não era aceito na própria casa devido a questões religiosas, ele se coloca enquanto filho gay de família cristã (e também um jovem cristão atuante na igreja católica) como lugar de fala, afirmando a autoridade discursiva. No decorrer do vídeo, a câmera permanece no mesmo enquadramento (plano fechado) e a fala é direcionada para ela, com gestos firmes, seguros que demarcam as entonações da linguagem falada. O olhar dele, em sua maioria voltado para a câmera, como em uma situação dialógica, por vezes é desviado para o lado ou para baixo, sobretudo para demarcar o discurso alheio ou situações imaginadas. Importante ressaltar a forte relação estabelecida com o tema, tanto pela autoridade de saber quanto de vivência enquanto gay católico. Ao final, emociona-se em uma fala direcionada aos gays diretamente, não mais aos familiares a quem se direcionara anteriormente. Devido a essa proximidade, pratica um tom mais pessoal do discurso, emocional, em que busca apoiar a pessoas que estejam sofrendo com a falta de aceitação familiar ou pessoal, colocando-se como parte desse grupo na primeira pessoa do plural. Outro ponto importante para nossa análise é o cenário do vídeo: para transmitir maior tom pessoal e intimista, o vídeo é gravado em um lugar que aparenta ser o seu quarto, com a bandeira representativa do movimento LGBT ao fundo e também uma “montagem” com várias fotos de artistas, assemelhando-se a imagem de altar. A bíblia, enquanto objeto, só aparece no início do vídeo, antes da vinheta, mas, ainda assim, está presente na capa de divulgação do vídeo, em que o produtor pode escolher um frame do vídeo em questão ou enviar uma foto para sua composição.

Já o segundo vídeo (v02), um dos mais assistidos do canal (publicado quase um ano depois do primeiro aqui analisado), funciona como uma resposta a perguntas e comentários recorrentes nas postagens do canal, tanto no YouTube quanto em outras redes sociais. O tom professoral e de reafirmação de autoridade de saber são ainda mais fortes nesse vídeo. Diferentemente do primeiro, neste não há silêncio e a vinheta já aparece no sétimo segundo, logo após o anúncio da extensão do vídeo (mais de 27 minutos, contra 13 do outro). A partir daí, Murilo cita passagens bíblicas e mostra sua bíblia como aporte e leitura.

---

Destacamos a edição deste vídeo como diferencial do primeiro, também. Ao reproduzir o discurso de outrem, utiliza de recursos de edição de áudio, que demarca que é a fala de outra pessoa. Além disso, podemos perceber maior ênfase em algumas palavras e frases, principalmente quando se classifica estudioso do tema, reafirmando sempre seu papel de autoridade pelo conhecimento. Como apontamos na seção anterior, o destaque analítico que Murilo dá é especialmente importante neste trabalho, já que ele aponta como caminho de análise das passagens bíblicas a busca pelo conhecimento e compreensão do contexto no qual as leituras e práticas estão inseridas, assim como nos é importante entender o vídeo como uma espécie de resposta a acusações que o produtor vem sofrendo e atendimento aos pedidos dos espectadores para que produzisse esse vídeo mais didático para que pudesse explicar, de forma mais direta, assuntos polêmicos que permeiam sua vivência de gay católico.

Apesar de, aparentemente, também ser ambientado em seu quarto, há uma pequena diferença no cenário e na sua relação com ele durante o vídeo: a bíblia, que no outro vídeo estava na estante em que ele se dirige a ela para buscá-la para iniciar a leitura, já está com ele durante a gravação, na mesa à frente; também não há o mosaico de fotos de artistas que estava ao fundo de Murilo. Mas a bandeira LGBT se mantém no mesmo lugar, criando, também, assim, certa identidade visual de vídeos do canal a partir da ordem de leitura da bandeira no canto superior esquerdo e o rosto dele centralizado no enquadramento da câmera. Outro componente que merece destaque é o esmalte preto nas unhas dele, que estava com as unhas sem pintar no vídeo anteriormente analisado. Tal característica é importante pois pode demarcar sua identidade que carrega traços considerados femininos em nossa sociedade, além do uso de um brinco maior na orelha esquerda (no outro vídeo, o único acessório visível era o piercing no nariz, que se mantém também neste) que chamam atenção e visam quebrar com a linearidade e regularidade da aparência de quem costuma proferir discursos religiosos.

Como sinalizado acima, nossa análise é baseada nos trabalhos de Iedema (2001), Norris (2004) e O'Hallorran (2004), criando nossos próprios critérios levando em consideração a classificação multimodal sugerida pelos referidos autores. Dessa forma, consideramos como critérios o cenário, elementos cênicos, caracterização, gestos, postura, som e tom de voz, olhar e, por fim, relação com interlocutor. Cada modo está inserido em um contexto descritivo e carrega seu significante, considerado aqui sua

representação no vídeo, e seu significado, que, como dissemos anteriormente, é aberto e pode seguir a subjetividade do interpretante. Por fim, todos esses elementos interconectados culminam na construção do sentido do vídeo. Sendo assim, chegamos aos seguintes quadros analíticos, que resumem nosso trabalho de análise:

**Tabela 1 Análise do vídeo 1**

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
Cenário	Bandeira LGBT ao fundo esquerdo ao lado de um mosaico de fotos de artistas. Estante com livros.	Composição do cenário no enquadramento da câmera	Representatividade LGBT, valorização de artistas (principalmente nacionais) como inspiração e livros que denotam os estudos feitos pelo produtor
Elementos cênicos	Estante com livros a qual Murilo se dirige e retira uma bíblia, que passa a ser visível na primeira parte do vídeo.	Bíblia para leitura, na frente das câmeras. Demais elementos apenas compõem o cenário, sem interação.	Simulando uma pregação religiosa, com leitura direcionada ao interlocutor, visando informá-lo e influenciá-lo.
Caracterização	Blusa estampada, quarto com elementos cênicos.	Sem destaque que chame atenção, apenas o piercing no nariz.	Caracterização neutra, aproximando-se do público-alvo, que é diverso.
Gestos	Acompanham a fala, como em uma conversa	Gestos naturais da oralidade	Demarcam a informalidade do discurso.
Postura	Evolução da postura: início curvado para baixo. No decorrer do vídeo, alinha-se verticalmente.	Cabeça baixa lendo a bíblia, depois movimentando para as laterais. Por fim, postura ereta, "olho no olho"	Vai da submissão e complexo de servidão e inferioridade à postura de igualdade, marcada pela personalização do discurso e personalidade da troca de experiências.
Som e tom de voz	Silêncio marcante no início do vídeo. Tom mais brando, ainda que fortemente religioso. Tom pessoal, direcionado ao interlocutor	O tom de voz apresenta uma crescente no decorrer do vídeo, indo do mudo ao tom professoral de voz imposta.	A voz baixa remete à submissão dos filhos aos pais e da sexualidade/personalidade a imposições religiosas. O tom pessoal do final dá ideia de pertencimento e união, além da proximidade causada pela voz embargada pelo choro contido.
Olhar	Olhar baixo, ao ler a bíblia; fugente no início da explicação e fixo na câmera ao final.	Assim como o item acima, o olhar também é crescente no decorrer do vídeo, acompanhando as mesmas características e elementos.	O olhar baixo também remete à submissão e, ao olhar pro lado enquanto trata do assunto familiar, parece buscar uma fuga ou dificuldade de encarar tais situações. O olhar fixo para a câmera, com ar afetuoso, denota a relação próxima que busca estabelecer com o público, com o qual se identifica e se sente parte.

Fonte: elaborado pelo autor

**Tabela 2** Análise do vídeo 2

Modo	Contexto descritivo	Significante	Significado
Cenário	Bandeira LGBT ao fundo esquerdo, estante do lado direito.	Composição do cenário no enquadramento da câmera	Representatividade LGBT e livros que denotam os estudos feitos pelo produtor
Elementos cênicos	Bíblia que já está à mão.	Bíblia para leitura, na frente das câmeras, segurando em riste. Demais elementos apenas compõem o cenário, sem interação.	Simulando uma pregação religiosa, com leitura direcionada ao interlocutor, visando informá-lo e influenciá-lo, segurando a bíblia acima do ombro, representação que faz referência a pastores de grandes igrejas.
Caracterização	Blusa estampada, piercing no nariz, brinco e unhas pintadas. Quarto com elementos cênicos.	Destaque para as unhas pintadas de preto e o brinco grande na orelha esquerda, características não comuns à figura masculina relacionada à Igreja.	Caracterização específica e impositiva, enquanto marca de sua identidade e grupo ao qual pertence.
Gestos	Gestos firmes que acompanham a fala, como um orador.	Gestos naturais da oralidade acompanhados de fortes gestos como observados em religiosos e jornalistas, que marcam pontos do discurso.	Demarcam a força e imposição do discurso.
Postura	Postura alinhada e firme verticalmente, ocupando o enquadramento da câmera.	Postura firme, enrijecida, cabeça erguida, olho no olho.	Demarca-se enquanto detentor do saber e se impõe a partir da sua postura superior ao interlocutor.
Som e tom de voz	Voz firme em todo o vídeo.	Tom professoral com voz imposta, forte de discussão e apresentação de ideias.	A voz firme e o tom professoral religioso forte denotam a autoridade de saber que o produtor busca passar, enquanto ensinamentos e interpretações guiadas a partir de seus estudos. Valorização e imposição do ethos discursivo de autoridade.
Olhar	Olhar fixo e direto pra câmera em todo o vídeo.	Olhar direcionado ao público, como em um diálogo direto.	O olhar fixo para a câmera, com ar de autoridade, remete à transmissão do saber de um professor e a compreensão e certa imposição de pensamento do discurso religioso.

Fonte: elaborado pelo autor

A partir das análises feitas, percebemos, portanto, que há a interação com o interlocutor por meio dos elementos multimodais, principalmente os últimos, referentes

ao posicionamento perante às câmeras e direcionamento do discurso, visando, portanto, influenciar seu interlocutor. Com isso, podemos perceber que, apesar de ambos os vídeos terem a mesma base temática e de conteúdo religioso e de conhecimento, eles se diferem na construção do sentido a partir das relações dos elementos multimodais presentes neles. Enquanto o vídeo 1 é mais íntimo, pessoal, em tom de submissão e hierarquização das relações de poder ao qual se trata (família e religião), o vídeo 2 é mais horizontal no sentido de construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que o produtor se impõe enquanto detentor do conhecimento, que se utiliza do vídeo enquanto meio para difundi-lo, a partir de estratégias discursivas e elementos multimodais que denotem a superioridade ao qual se propõe.

Com isso, concordamos com Machin e Van Leeuwen (2016) no que se refere ao uso de processos e recursos semióticos multimodais para fins ideológicos e demarcação e representação de identidades, percebidos discursivamente, como vimos acima. Dessa forma, tomamos a semiótica social enquanto possibilidade de identificação e formação da avaliação crítica e das mudanças que esses discursos visam implementar e legitimar, sendo esta, também, uma característica a qual os sujeitos midiativistas estão inscritos, uma vez que produzem material e interagem midiaticamente objetivando tais transgressões cotidianas a partir de representações discursivas que empreendem (BRAIGHI; CÂMARA, 2018).

### **Considerações finais**

Com este trabalho, pretendemos mostrar como os discursos multimodais são carregados de significados e como eles auxiliam na produção de sentido midiativista, possível a partir da pluralidade de produções de conteúdo no ciberespaço. Nesse sentido, concordamos que os midiativistas são sujeitos que agem de forma transgressiva potencialmente difundido, considerando o ambiente quase irrestrito do ciberespaço e o grande alcance da Internet, dando protagonismo e voz para quem, outrora, não conseguira se expressar. Procuramos mostrar, neste trabalho, possíveis caminhos e metodologias de análise de vídeos para construir a interpretação dos vários significados possíveis, considerando os elementos multimodais que constituem tais objetos.

Acreditamos que tal aplicação metodológica em vídeos disponíveis em plataformas online seja nossa principal contribuição para os estudos de multimodalidade, instigando novas produções dessas áreas. Dessa forma, esperamos

contribuir para a discussão e possíveis futuras análises multimodais, sobretudo em objetos inseridos no ciberespaço, em que se consideram as condições de produção, o amplo alcance e poder de difusão e divulgação de tais conteúdos. Reiterando que a construção de sentido desses textos se dá a partir da interação do receptor com o produto e o produtor, a partir da subjetividade de quem o consome e da complexidade da materialidade do objeto, o caminho que propomos aqui é apenas um dentre os vários possíveis.

## REFERÊNCIAS

- BRAIGHI, Antônio; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.
- BURGESS, J., GREEN, J. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009
- DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Paulus Editora, 2017
- IEDEMA, Rick. 2000. “Analysing Film and Television: A Social Semiotic Account of ‘Hospital: An Unhealthy Business’”. In *The Handbook of Visual Analysis*, organizado por Theo Leeuwen e Carey Jewitt, 1edition. Los Angeles, Calif.: Sage Publications Ltd.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.
- LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Famecos**, 9, p. 37-49. Porto Alegre, 1998
- MACHIN, David; VAN LEEUWEN, Theo. 2016. “Multimodality, politics and ideology”. *Journal of Language and Politics* 15 (3): 243–258
- MATTONI, Alice. **Media activism**. The Wiley-Blackwell encyclopedia of social and political movements. Nova Jersey: Blackwell Publishing, 2013.
- NORRIS, Sigrid. 2002. “The implication of visual research for discourse analysis: transcription beyond language”. *Visual Communication* 1 (1): 97–121. <https://doi.org/10.1177/147035720200100108>.
- . 2004. *Analyzing Multimodal Interaction: A Methodological Framework*. Londo/New York: Routledge. <http://public.eblib.com/choice/publicfullrecord.aspx?p=182714>.
- SCOLARI, Carlos Alberto (Org). **Ecología de los medios**. Barcelona (Espanha): Editorial Gedisa, 2015.